




C A P Í T U L O 10

ANÁLISE DO ADVÉRBIO “NÃO” NA COMUNIDADE DE SANTA MARIA DO ENGANO, ALFREDO CHAVES, ES

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.02725110910>

Marcio Favero Fiorin

Doutor em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN), da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória- ES, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/9913871449747690>

Alexsandro Rodrigues Meireles

Professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo, onde leciona disciplinas e desenvolve pesquisas na área de Linguística. Pós-doutor pela University of Southern California (2015), com bolsa CAPES, e pela Beuth Hochschule für Technik – Berlin (2019–2020)
<http://lattes.cnpq.br/9913871449747690>

RESUMO: Este trabalho abordará as estratégias de negação, no caso o uso do advérbio não, na comunidade de Santa Maria do Engano, Alfredo Chaves-ES. Foram selecionadas vinte entrevistas do corpus formado por Fiorin (2019). Buscaremos descrever, especificamente, como ocorre os mecanismos de negação: a frequência de uso, se é um elemento fixo na sentença e se está ocorrendo um processo de desgaste fonológico e de gramaticalização. A análise, de cunho qualitativo, baseia-se na teoria Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e Funcionalista (HOPPER & TRAUGOTT, (1993), GIVÓN, (1995) E BRAGA (1987, 1991), apresentando, também, alguns resultados sobre a variável em questão (FURTADO DA CUNHA, 1996; RONCARATI 1996; BRAGA E SILVA, 2011; REIMANN E YACOVENCO 2014; PEREIRA, 2018). Os resultados evidenciaram que o não é mais efetivo na posição pré-verbal, sendo um elemento fixo na sentença, próximo ao verbo, adjetivo e advérbio. Além disso, está ocorrendo um processo de gramaticalização e desgaste fonológico quando se trata da variante *né*.

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias de negação; Advérbio não; Sociolinguística; Funcionalismo.

ANALYSIS OF THE ADVERB “NO” IN THE COMMUNITY OF SANTA MARIA DO ENGANO, ALFREDO CHAVES, ES

ABSTRACT: This work will address the negation strategies, in this case the use of the adverb not, in the community of Santa Maria do Engano, Alfredo Chaves-ES. To this end, twenty interviews were selected from the corpus formed by Fiorin (2019). We seek to describe, specifically, how negation mechanisms occur: the frequency of use, if it is a fixed element in the sentence and if a process of phonological wear and grammaticalization is taking place. The qualitative analysis is based on the Variationist (LABOV, 2008 [1972]) and Functionalist (HOPPER & TRAUGOTT, (1993), GIVÓN, (1995) AND BRAGA (1987, 1991) Sociolinguistic theory. some results on the variable in question (FURTADO DA CUNHA, 1996; RONCARATI 1996; BRAGA E SILVA, 2011; REIMANN AND YACOVENCO 2014; PEREIRA, 2018). The results showed that no is more effective in the pre-verbal position, being a fixed element in the sentence, next to the verb, adjective and adverb. In addition, a process of grammaticalization and phonological erosion is taking place when it comes to the né variant.

KEYWORDS: Denial strategies; Adverb no; Sociolinguistics; Functionalism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando se trata da negação, é preciso pontuar a complexidade que esse ato (negar) demanda na língua portuguesa. Ao contrário da afirmação, que é cognitivamente mais simples, a negação “é uma atividade complexa em termos cognitivos, mais marcada, menos esperada pelo interlocutor e estruturalmente maior, tendo em vista que um item é acrescentado ao material linguístico já existente” (PEREIRA, 2018, p. 57).

Diante do exposto, Savana de Souza de Castro Pereira (2018, p. 11) chama a atenção para as diferentes formas de expressar a negação na língua, como, por exemplo, os advérbios negativos nunca e jamais; os pronomes indefinidos, como ninguém; e, no que tange à morfologia, o uso do prefixo a-, em casos como anormal. Do ponto de vista fonético-fonológico, utiliza-se ainda a prosódia em elementos que, a princípio, não expressam negação, como o item agora.

A forma mais comum utilizada entre os falantes para expressar a negação é o advérbio não. Este, segundo Nunes (2014), ocorre por meio de três estratégias: pré-verbal [Não V], dupla negação [Não V Não] e pós-verbal [V Não]. Alguns pesquisadores o consideram um elemento fixo, como pontuam Maura A. Freitas Rocha e Ruth E. Vasconcellos Lopes (2009), no capítulo intitulado “Adjunção”, da obra Gramática do português culto falado no Brasil.

Em Alfredo Chaves, município selecionado para este estudo, o não constitui um traço fonético-fonológico identitário dos descendentes de imigrantes italianos, marcado pela nasalização do ditongo. Os alfredenses, sobretudo da zona rural, com mais de sessenta anos e baixa escolaridade, apresentam em sua fala essa variante [õ], como em macarr[õ], piment[õ] e o próprio n[õ] (PICOLI-MENEGHEL, 2015). Entretanto, neste trabalho não abordaremos essa variação fonético-fonológica, mas discutiremos os mecanismos de negação, analisando questões já tratadas em pesquisas anteriores.

Para tratar desses mecanismos, elencamos alguns pontos que serão problematizados: (i) a frequência de uso do advérbio não, com destaque para as estratégias utilizadas; (ii) se esse item se comporta como elemento fixo em sentenças orais; e (iii) se ocorre um processo de desgaste fonológico e de gramaticalização, como nos casos das variantes num, em posição pré-verbal na forma canônica e na dupla negação, e né, forma advinda da expressão não é.

Nossa hipótese é a de que a variável não é mais efetiva na posição pré-verbal, como apontam alguns linguistas, não se comportando como um elemento totalmente fixo. Ademais, supomos que o advérbio não esteja passando por um processo de gramaticalização e desgaste fonológico, como ocorre com as variantes num e né.

Para verificar tais questões, recorreremos às teorias da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e do Funcionalismo (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1995; BRAGA, 1987, 1991), enfatizando trabalhos já realizados sobre a temática, como os de Furtado da Cunha (1996), Roncarati (1996), Braga e Silva (2011), Reimann e Yacovenco (2014) e Pereira (2018).

Para a geração dos dados, utilizamos o corpus coletado por Fiorin (2019) no município de Alfredo Chaves, especificamente na comunidade de Santa Maria do Engano, zona rural. No total, foram realizadas vinte entrevistas, das quais selecionamos informantes e trechos que corroboram a discussão e a análise.

Assim, este trabalho está organizado da seguinte forma: após estas considerações iniciais, na seção 2 apresentamos o referencial teórico, abordando a Sociolinguística (2.1), o Funcionalismo (2.2) e estudos que dialogam com a presente pesquisa (2.3); na seção 3, descrevemos a metodologia adotada, a seleção dos informantes e a geração dos dados; na seção 4, realizamos a análise e discussão, com trechos das entrevistas; e, por fim, apresentamos as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os dicionários e as gramáticas tradicionais e normativas, como as de Rocha Lima (1915; 1991; 2003), Cunha e Cintra (2003) e Bechara (2004), definem o advérbio *não* a partir de sua posição na sentença, geralmente próximo ao verbo ou a outros elementos, como adjetivos e advérbios. A esse respeito, Pereira (2018, p. 114) acrescenta que

nos dicionários, encontram-se as primeiras prescrições do *não* acoplado ao verbo e exercendo a função de prefixo. Nas gramáticas históricas e prescritivas, por sua vez, verifica-se que o *não* está classificado como advérbio negativo que modifica o valor de verdade da sentença e, por isso, deve posicionar-se à esquerda do verbo. Por fim, as gramáticas descritivas apresentam as funções sintáticas, semânticas e pragmáticas do *não*, explorando de forma mais aprofundada a complexidade desse item e ampliando as possibilidades de sua relação sintática e de suas funções semântico-pragmáticas na língua em uso.

O *não* é, portanto, um elemento categórico que apresenta particularidades próprias. Caso se buscasse definir uma tipologia, poderia ser classificado como um advérbio aspectual, por ocupar três posições distintas na sentença (ROCHA; LOPES, 2009). No entanto, essa classificação não se mostra plenamente satisfatória, uma vez que a complexidade cognitiva envolvida no ato de negar e o contexto comunicativo influenciam diretamente seu uso e suas atribuições funcionais.

Para uma melhor compreensão desse item, descrevemos, nas próximas seções, duas abordagens teóricas que fundamentam este trabalho: a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo. Além disso, apresentamos resultados de estudos anteriores que fornecem subsídios teóricos e metodológicos fundamentais para a presente análise. Iniciamos, assim, pela literatura sociolinguística.

Sociolinguística

A Sociolinguística é uma subárea da Linguística cujo foco é a estreita relação entre uma língua natural e a comunidade onde ela é falada. Dessa forma, as características sociais dos falantes, assim como os contextos reais de uso de uma língua são objetos de estudo da Sociolinguística, por exercerem influência na forma como a língua é usada (MOLLIKA, 2013, p. 10).

A Sociolinguística entende que a língua é composta por um sistema heterogêneo. Para analisá-la, os pesquisadores passaram a estudar o vernáculo, isto é, o uso espontâneo da língua, sem monitoramento, além da observação dos padrões de comportamento linguístico constituído por unidades e regras variáveis (LABOV, 2008 [1972]). Tudo isso com o objetivo de compreender a variação linguística.

Labov (2008 [1972]), afirma que a variação é definida dentro do contexto social da comunidade em que as ocorrências são produzidas, pois a história do grupo e as pressões sociais que recebe influenciam as escolhas linguísticas feitas pelos indivíduos. Em busca de maiores esclarecimentos, lançaremos mão da teoria da Variação e Mudança proposta pelo próprio autor.

A *variação linguística* é um fenômeno natural de diversificação da língua, mediante ao contexto linguístico e/ou social. No tangente da variação, Mollika (2013) diz haver fronteiras que a delimita, o espaço geográfico (variação diatópica), a condição socioeconômica (variação diastrática) e a situação de fala ou registro (variação diafásica).

Já a *variedade* da língua diz respeito aos diversos contextos que influenciam a variação seja geográfico, histórico, social e até mesmo situacional. Para Bagno (2009, p.47) “variedade linguística significa um dos muitos modos de falar uma língua”. Dentro das variedades há variantes conservadoras & inovadoras, prestígio & estigmatizada e padrão & não padrão. Sendo que a primeira opção dos pares diz respeito ao uso formal da língua, e a segunda, ao informal.

Em se tratando de *variantes* e já mencionando *variáveis*, pois ambas conceitualmente estão interligadas, Tarallo (1994, p. 08) no livro *A pesquisa sociolinguística* definiu que “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”, ou seja, as formas de variação dão-se o nome de variantes. Por sua vez, a variável é um conjunto de variantes. De acordo com o autor as variáveis linguísticas se subdividem em variáveis linguísticas dependentes e independentes.

A *variável dependente* é o fenômeno que está sendo analisado, por exemplo, o advérbio não, as variantes seriam aquelas que estão em competição: os mecanismos de negação e se está ocorrendo o processo de gramaticalização e desgaste fonético, no caso do *num* e do *né*. Já as variáveis independentes seriam os fatores condicionadores linguísticos (estruturais) e/ou sociais (extralinguísticos) que influenciam tal variante no concerne da variação.

A *variável linguística* diz respeito a estrutura da língua distribuída em níveis fonético-fonológico, lexical, morfossintático, semântico e pragmático. Já os extralinguísticos, referem-se aos traços sociais dos falantes, como sexo/gênero, faixa etária, classe social, escolaridade, etnia etc.

Relacionando a teoria Variacionista ao objeto de estudo em questão, Pereira (2018, p.18) diz que

embora a negação tenha servido de ilustração para a maioria dos problemas de mudança, ainda é muito cedo para atestar que o item não está em processo de mudança. Apenas com a análise dos dados, é possível verificar se se trata de uma variação estável ou mudança em progresso. Por esse motivo, é importante salientar a premissa sociolinguística de que nem tudo que varia implica mudança linguística, porém toda mudança pressupõe uma variação.

Isto posto, é preciso analisar de perto os mecanismos de negação para entender se está ocorrendo ou não o processo de mudança linguística. Observando primeiro na fala, onde as novas variantes serão inseridas, conforme diz Furtado da Cunha (1996). A teoria da Variação e Mudança serviu de base para o surgimento de outras perspectivas, adotadas por outras correntes linguísticas, como o Funcionalismo, que tratamos na sequência.

Funcionalismo

O termo *Funcionalismo* passou a ser empregado nos trabalhos de Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, a partir da constatação de que gramática e discurso constituem elementos intrinsecamente relacionados, uma vez que o contexto e as necessidades comunicativas dos falantes se materializam nas próprias estruturas gramaticais. Nessa corrente teórica, a língua é compreendida “[...] como um sistema funcional, no sentido de ser utilizada para determinado fim” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015). Assim, ela é concebida como um instrumento de interação social, caracterizado por uma estrutura flexível e sensível ao contexto comunicativo.

Inicialmente, os estudos funcionalistas priorizavam a relação entre estrutura e função. Com o avanço das pesquisas, entretanto, o campo temático foi ampliado, passando a contemplar análises “[...] voltadas não apenas para as funções da linguagem em um eixo comunicativo, mas também para o item linguístico e sua multifuncionalidade na estrutura discursiva” (SOUSA, 2008, p. 70). O Funcionalismo configura-se, portanto, como uma corrente abrangente, que permite o diálogo com diferentes abordagens analíticas, tais como informatividade, iconicidade, marcação, transitividade, plano discursivo, gramaticalização, bem como variação e mudança — esta última fortemente influenciada pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

Com exceção da perspectiva da Variação e Mudança, já abordada na seção anterior no tratamento dos mecanismos de negação, destacamos, nesta seção, os conceitos de iconicidade, marcação e gramaticalização, por permitirem discutir aspectos formativos, organizacionais e funcionais dos itens linguísticos. A seguir, apresentamos cada um desses conceitos.

A *iconicidade* é definida como a relação natural e motivada entre forma e função, atuando diretamente na estrutura dos itens linguísticos. De acordo com Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2015), esse princípio manifesta-se por meio de três subprincípios: (i) subprincípio da quantidade, segundo o qual conteúdos mais complexos tendem a ser codificados por formas mais extensas; (ii) subprincípio da integração, que diz respeito ao grau de proximidade conceitual entre os elementos, refletido na sua integração formal; e (iii) subprincípio da ordenação linear, referente à organização dos enunciados, que hierarquiza informações novas e relevantes em relação às previsíveis ou dadas no discurso.

A *marcação*, por sua vez, relaciona-se à complexidade das estruturas linguísticas. Para determinar se uma construção é marcada ou não, Givón (1995) propõe três critérios analíticos: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva. Assim, estruturas mais complexas, menos frequentes e cognitivamente mais exigentes tendem a ser marcadas, ao passo que construções mais simples, frequentes e cognitivamente menos custosas são consideradas não marcadas.

Por fim, a *gramaticalização*, segundo Hopper (1991), refere-se ao processo de mudança linguística pelo qual um item lexical passa a assumir funções gramaticais ou, ainda, um item já gramatical adquire maior grau de gramaticalidade. Esse processo decorre do uso recorrente da língua em contextos comunicativos diversos. A esse respeito, Votre (1999, p. 24) observa que

o processo de gramaticalização consiste na regularização progressiva de um fenômeno, à medida que a generalização do uso faz com que ele transite do nível do discurso, em que há ampla liberdade de variação, para o nível da gramática, em que se regulariza e em que diminui ou cessa essa liberdade. O conceito aplica-se também a itens já presentes na gramática, que evoluem para uma conformação ainda mais gramatical, se admitirmos que os itens gramaticais não são entidades discretas, mas polos de um contínuo, no qual certas classes estão mais próximas do léxico, enquanto outras ocupam diferentes posições no contínuo gramatical.

Para ilustrar esse processo, pode-se citar o caso do item *embora*, advérbio e conjunção que tem origem na expressão *em boa hora*. Nesse exemplo, observa-se uma escala evolutiva que envolve não apenas alterações estruturais, mas também mudanças na função comunicativa do item.

À luz desses conceitos, Pereira (2018, p. 20) afirma que estudar os mecanismos de negação implica “observar a estrutura, a função e, principalmente, a multifuncionalidade” desse fenômeno no vernáculo. Em outros termos, trata-se de compreender sua frequência de uso, suas estratégias de realização, as funções que assume no contexto comunicativo e a possibilidade de ocorrência de processos de variação e/ou mudança linguística.

Depois de abordar essas duas teorias linguísticas, apresentamos na próxima seção alguns estudos que dialoguem com o nosso, destacando dados que darão um panorama geral do que vem acontecendo com as estratégias de negação.

Dialogando com os pares

Diversos pesquisadores, como Furtado da Cunha (1996), Roncarati (1996), Braga e Silva (2011), Reimann e Yacovenko (2014) e Pereira (2018), observaram que a variável *não* apresenta novas variantes sintáticas e fonológicas no português falado. Dessa forma, abordamos, a seguir, os trabalhos desses autores, com o objetivo de evidenciar como se dá o processo de negação no português brasileiro.

O primeiro estudo considerado é o de Furtado da Cunha (1996), intitulado “*Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal*”, no qual a autora analisa a dupla negação, chamando a atenção para seu processo de gramaticalização. A autora parte do princípio da marcação, ancorada na teoria da iconicidade (abordada na seção dedicada ao Funcionalismo), ao considerar a negação um fenômeno complexo que envolve não apenas fatores estruturais (morfológicos e sintáticos), mas também fatores contextuais, como os semânticos, pragmáticos e discursivos. Segundo

Furtado da Cunha (1996), na dupla negação ocorre uma quebra da expectativa do interlocutor, uma vez que o segundo elemento negativo retoma o primeiro, reforçando o tópico discursivo. A autora observa ainda que, na fala dos moradores de Natal (RN), a dupla negação surge em função do enfraquecimento fonético do primeiro *não*, que passa de tônico a átono, bem como de seu esvaziamento semântico, como se verifica em exemplos como “*num sei não*”.

Em relação a esse desgaste fonético, a autora aponta dois fatores principais: (i) o subprincípio icônico da quantidade, que leva à redução do material formal empregado na codificação de formas gramaticalizadas; e (ii) a alta frequência de uso da forma gramaticalizada, que favorece o desgaste de sua substância fonética. A comprovação empírica desses processos deu-se por meio dos resultados obtidos, que indicaram: (i) a interferência do nível de escolaridade e do tipo de texto na realização dos mecanismos de negação; (ii) o uso frequente da negação pós-verbal em contextos de respostas e perguntas diretas; (iii) o papel da dupla negação como pausa temática; e (iv) o caráter menos marcado da negação canônica em comparação às demais variantes, podendo ocorrer em contextos que favorecem tanto a negação pré- quanto a pós-verbal.

Outro estudo relevante é o de Roncarati (1996), intitulado “*A negação no português falado*”. Nessa pesquisa, fundamentada na Sociolinguística em nível perceptual, a autora buscou avaliar e descrever as atitudes linguísticas de universitários cearenses em relação às expressões negativas. O teste consistiu na atribuição de comentários positivos ou negativos às expressões selecionadas. Os resultados apontaram a existência de três variações sintáticas e fonológicas, relacionadas às estratégias argumentativas. A primeira é a negação pré-verbal [Não V], caracterizada como factual e de caráter pressuposicional neutro. A segunda é a dupla negação [Não V Não], entendida como um marcador discursivo que enfatiza o ato de negar, corroborando os achados de Furtado da Cunha (1996). A terceira é a negação pós-verbal [V Não], que exerce a função de “condição de referência pontual” (RONCARATI, 1996, p. 98). Na análise dos dados, a autora dedicou especial atenção à negação pós-verbal, que, segundo ela, emerge de contextos pragmaticamente motivados.

Além de sentenças imperativas e respostas diretas, outras circunstâncias favorecem esse tipo de construção, tais como: (i) a ocorrência com verbos epistêmicos, copulativos e atitudinais; e (ii) a presença de sujeito existencial ou cancelado, cujos argumentos subsequentes à negação pós-verbal estão sujeitos ao apagamento. Outro aspecto relevante é o caráter elíptico dessas construções, uma vez que eliminam informações redundantes. Roncarati (1996) conclui que a dupla negação é mais frequente na oralidade e que as formas negativas se encontram em variação linguística, sendo influenciadas por fatores socioculturais, pragmáticos e discursivos.

Ao tratar dos três mecanismos de negação – pré-verbal, dupla negação e pós-verbal –, é imprescindível mencionar o trabalho de Braga e Silva (2011), intitulado *“Análise funcionalista das estratégias de negação do português oral culto de Fortaleza: um estudo de caso”*. O objetivo do estudo foi demonstrar que o uso da negação varia de acordo com a faixa etária, conforme já apontado por Furtado da Cunha (2001). Para tanto, os autores analisaram dois registros do corpus Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), composto exclusivamente por informantes do sexo masculino, partindo da premissa de que a variável sexo não interferiria significativamente nas realizações da negação. A hipótese inicial era de que os falantes mais jovens, por utilizarem um registro mais coloquial, empregariam com maior frequência as estratégias inovadoras de negação. Os resultados, analisados à luz da teoria funcionalista, revelaram alta frequência da estratégia pré-verbal tanto entre os informantes da faixa etária I (75%) quanto entre os da faixa etária III (87,09%).

Entretanto, as maiores frequências foram observadas entre os falantes da faixa etária III, o que levou à refutação da hipótese inicial. No que se refere à dupla negação, Braga e Silva (2011) observaram similaridade entre jovens e idosos, com quatro ocorrências em cada grupo, correspondendo, respectivamente, a 18,75% e 12,90%. Já a estratégia pós-verbal, devido à baixa frequência — apenas uma ocorrência entre os informantes da faixa etária I —, não foi considerada na análise, por ser entendida como recente na escala da gramaticalização. Diante desses dados, os autores concluíram que não apenas a faixa etária influencia o uso das estratégias de negação, mas também fatores como o grau de formalidade e o nível de intimidade entre os falantes.

No âmbito da língua em uso, Reimann e Yacovenco (2014) investigaram as estratégias de negação na fala de moradores da cidade de Vitória (ES), a partir da análise de dezoito entrevistas do corpus PORTVIX, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Os autores definiram as variantes negativas como variáveis dependentes e selecionaram, como variáveis independentes, fatores pragmáticos — como status informacional do discurso, tipo de sequência discursiva e presença ou ausência de reforço negativo — e fatores sintáticos — como tipo de oração, presença ou ausência de marcadores conversacionais e tipo de sujeito. Também foram consideradas variáveis extralinguísticas, a saber: gênero/sexo, faixa etária e escolaridade. Para cada fator, foi formulada uma hipótese.

Segundo Reimann e Yacovenco (2014, p. 125), a hipótese central era a de que as variantes *não* e *num* seriam mais frequentes na posição pré-verbal e no início da dupla negação, ao passo que apenas *não* seria favorecido nas posições pós-constituintes e isoladas. Quanto ao status informacional, os autores previram que a negação pré-verbal ocorreria em contextos de informação nova, enquanto

a dupla negação estaria associada a informações dadas ou velhas (SCHWENTER, 2005). Os resultados confirmaram essa hipótese: em contextos de informação nova, a negação pré-verbal apresentou frequência de 73,8%, a dupla negação 21% e a pós-verbal 2,4%. No que diz respeito ao tipo de sequência discursiva, os diálogos favoreceram a dupla negação (peso relativo de 0,80), enquanto a narração (0,29) e a argumentação (0,33), por serem sequências mais longas, a desfavoreceram. Quanto à presença de marcadores conversacionais, observou-se que esses elementos desfavorecem tanto a dupla negação quanto a negação pós-verbal, sendo esta última pouco produtiva nesses contextos.

No que se refere à presença de reforço negativo (*jamaís, nenhum, nunca, ninguém*), a dupla negação foi desfavorecida quando tais reforços estavam presentes (peso relativo de 0,19), mas favorecida na sua ausência (0,52), corroborando a hipótese inicial dos autores. No plano extralinguístico, Reimann e Yacovenco (2014) destacam o papel determinante da escolaridade, com maiores índices da variante *num* em contextos coloquiais e no uso do português popular. A variável faixa etária, assim como no estudo de Braga e Silva (2011), mostrou-se relativamente estável. Quanto à variável sexo, contrariamente à hipótese de maior conservadorismo feminino, foram as mulheres que mais utilizaram a variante *num*, indicando que essa forma não é estigmatizada.

Por fim, destaca-se o estudo de Pereira (2018), intitulado “*Um estudo sociofuncionalista das variantes negativas não e num no português falado de Vitória da Conquista*”. Além de dialogar com os trabalhos anteriores, a autora apresenta um panorama geral das estratégias de negação em Vitória da Conquista (BA). O estudo parte das seguintes questões: (i) as variantes negativas *não* e *num* encontram-se em variação estável ou em mudança em progresso? e (ii) quais novas funções semânticas a negação assume? Para responder a essas questões, Pereira (2018) analisou entrevistas dos corpora *Português Popular* e *Português Culto de Vitória da Conquista*, selecionadas aleatoriamente, com base nos pressupostos metodológicos da Sociolinguística Laboviana e no aporte teórico do Funcionalismo. Os resultados indicaram que as variantes *não* e *num* são favorecidas nas posições pré-verbal e na dupla negação, enquanto apenas *não* é favorecido na posição pós-constituente. Sobre isso, Pereira (2018, p.112) identificou que:

(i) a negação com o *não* é categórica nas estruturas isoladas e pré- e pós-constituente, enquanto que o *num* é favorecido nos ambientes de dupla negação e pré-verbal; (ii) a estrutura do verbo não foi relevante significativamente para a produção dos elementos negativos; (iii) o valor semântico-pragmático da negação apresentou maior frequência da variável negativa não nas três funções: manobra discursiva, introdutor discursivo e resposta; (iv) o escopo da negação apresentou maior índice nos advérbios, substantivos, oração e adjetivos com a variante *não*, já com a variante *num* apenas o verbo obteve maior percentual em relação ao não; (v) o complemento verbal realizado e não-realizado não foi determinante para análise; e (vi) Os fatores sociais constitui-se de maior produção da variante padrão por informantes cultos, maior frequência da negação do não por informantes da Faixa I e maior realização da variante reduzida por informantes do sexo feminino.”

Em síntese, os resultados indicam que a variação entre *não* e *num* é sistemática e condicionada por fatores linguísticos e sociais. A variante *não* apresenta maior estabilidade e prestígio, sendo categórica em estruturas isoladas e nas posições pré- e pós-constituente, além de predominar em funções semântico-pragmáticas como manobra discursiva, introdutor discursivo e resposta, bem como em escopos mais amplos da negação. A variante *num*, por sua vez, mostra-se favorecida em contextos de dupla negação e na posição pré-verbal, evidenciando maior integração ao verbo e um estágio mais avançado de gramaticalização nesses ambientes. A irrelevância estatística da estrutura verbal e do complemento verbal reforça o papel central dos fatores discursivos na escolha das variantes, enquanto os fatores sociais confirmam o maior uso da forma padrão por informantes cultos e a maior realização da variante reduzida por informantes do sexo feminino, apontando para um fenômeno estável e não estigmatizado no vernáculo.

Depois de entender melhor o que está ocorrendo no processo de negação, na próxima seção sintetizamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, a fim de verificar as ocorrências da variável *não* na comunidade de Santa Maria do Engano, Alfredo Chaves/ES.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a geração de nossos dados, utilizamos entrevistas gravadas com moradores de Santa Maria do Engano realizadas por Fiorin (2019), seguindo os pressupostos da Sociolinguística Laboviana. Foram selecionadas vinte entrevistas, realizadas na residência dos informantes, ao final de cada gravação, os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Informado, para que pudéssemos ter liberdade para usar as informações prestadas. Essas entrevistas continham perguntas sobre a história do local, da família, da escola; questões do cotidiano.

Apresentamos no quadro abaixo as características dos informantes selecionados, cada qual dividido em idade, sexo e escolaridade.

INFORMANTES	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE
ALE	86	M	EFI (1ª série)
ANT	69	M	EFI (2ª série)
AUX	52	F	EFII (6ª série)
DOL	64	F	EFI (2ª série)
ELI	49	M	EFII (6ª série)
ELZ	61	F	EFII (6ª série)
JAC	44	F	EFI (4ª série)
JOA	55	M	EFII (6ª série)
LEL	72	F	EFI (2ª série)
LUI	84	M	EFI (5ª série)

LZA	44	F	EFI (4ª série)
MAL	68	M	EFI (1ª série)
MRN	48	F	EFI (4ª série)
NIL	78	M	EFI (1ª série)
REN	60	M	EFII (5ª série)
RSL	84	M	EFI (1ª série)
SAN	44	M	EFII (8ª série)
SIM	20	M	EM (3º ano EM)
VAL	58	M	EFII (7ª série)
ZAU	86	F	EFI (2ª série)

Quadro 1 - Características dos informantes – Santa Maria do Engano

Fonte: Fiorin 2019

Após a descrição dos informantes, para a análise dos dados serão selecionados, dentre os vinte participantes, alguns informantes e trechos que apresentem registros dos mecanismos de negação. A análise terá caráter qualitativo e será conduzida à luz da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo, em diálogo com as pesquisas supracitadas.

Concluída a apresentação dos procedimentos metodológicos, passa-se à análise e à discussão dos dados.

ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção apresentamos como acontece as estratégias de negação na comunidade de Santa Maria do Engano, Alfredo Chaves. Confirmando ou não as nossas hipóteses iniciais. Selecionamos alguns trechos das entrevistas para tornar verossímil a nossa análise¹.

Como já pontuamos, o advérbio *não* pode ocorrer através de três estratégias: pré-verbal [Não V], dupla negação [Não V Não] e pós-verbal [V Não]. Na fala dos moradores de Santa Maria do Engano, a forma mais frequente é da posição pré-verbal, como está marcada nos excertos a seguir.

Inf. (NIL, 78, M, EF I): “Nós não temos uma enfermeira formada para medir uma pressão”

Inf (AUX, 52, F, EFII): Não falava diretamente o dialeto, mas sabíamos o significado das palavras.

Inf (ELZ, 60, F, EFII): Nos casamentos não eram convidados todos da família. Convidava um ou dois. Como não eram tantas famílias, o casamento não era à tarde, era de manhã. E era um almoço.

¹ Nesta análise não falaremos dos fatores extralinguísticos (faixa etária, sexo e escolaridade) por ser uma pesquisa qualitativa de observância das falas dos entrevistados.

Esse resultado vai ao encontro de outros estudos como de Furtado da Cunha (1996), Braga e Silva (2001) e Reimann e Yacovenko (2014), que consideram a posição pré-verbal mais efetiva no Português Brasileiro. Quantas as outras posições, só encontramos exemplos de dupla de negação.

Inf. (VAL, 58, M, EFII): “Da maria fumaça não lembro não quando parou”

Inf. (NIL, 78, M, EF I): Não podia conversar não.

Esse cenário reforça a ideia de que, na dupla negação, o segundo elemento negativo retoma o primeiro, produzindo uma quebra da expectativa do interlocutor, conforme postula Furtado da Cunha (1996). As falas analisadas corroboram essa ruptura discursiva, uma vez que os informantes foram instados a tratar de temas sobre os quais não detinham conhecimento prévio. Nessas circunstâncias, caracterizadas por menor marcação informacional, observa-se o favorecimento do uso desse mecanismo de negação.

Ainda sobre a dupla negação, Furtado da Cunha (1996) diz que o primeiro *não*, em situação de fala, pode ocasionar um desgaste fonológico, transformando-se em *num*, como no exemplo citado na seção dialogando com os pares: “num sei não”. Sobre essa ocorrência verificamos apenas um exemplo na fala de um dos nossos informantes.

Inf. (AUX, 52, F, EFI): “Agora a história da imagem de Nossa Senhora da Saúde não lembro direito não. Num sei não.

Este caso esporádico deve ter ocorrido porque no período anterior a informante (AUX, 52, F, EFI) tinha utilizado esse mesmo mecanismo. Isso está relacionado ao subprincípio da integração da teoria da iconicidade; quanto maior a proximidade do conteúdo cognitivo, mais ele será integrado a codificação.

Outro fato importante, é que a marcação do ditongo nasal –ão, traço fonético-fonológico característico dos descendentes de italianos, pode ter influenciado na pouca frequência do *num*. Quando se trata do processo de desgaste fonológico e da gramaticalização, observamos que ao contrário do *num*, o uso do *né* é muito frequente, como é possível perceber nas próximas falas:

Inf. (NIL, 78, M, EF I): “Primeiro era Engano né”

Inf. (AUX, 52, F, EFI): Quando minha avô chegou. Meu avô já estava aqui uns quinze anos. Já tinha né a lavoura de café.

Inf. (SAN, 44, M, EF II): Não era celebração da palavra. Era o terço né.

Inf. (REN, 60, M, EF II): Tinha o joga de bocha e de mora. No joga de mora falavam o dialeto italiano né.

Em todos os exemplos analisados, a variante *né* ocorre exclusivamente na posição pós-verbal, aspecto que merece ser contextualizado, sobretudo pelo fato de não terem sido encontradas ocorrências da variante *não* nessa mesma posição. De acordo com Roncarati (1996), a construção [V Não] caracteriza-se pela eliminação de informações redundantes, assumindo valor pragmático específico. A variante *né*, por ter origem na expressão “*não é*”, ao passar por um processo de gramaticalização, adquire uma nova função determinada pelo contexto pragmático: a de reforçar o tópico discursivo, prevenindo dúvidas e hesitações por parte do interlocutor. Nesse sentido, assim como ocorre na dupla negação, observa-se uma quebra da expectativa do interlocutor, o que justifica a produtividade dessa variante na posição pós-verbal. Desse modo, os dados indicam que, no que se refere à variante *né*, a hipótese deste estudo é confirmada, apontando para um processo de mudança em progresso. Em contrapartida, tal comportamento não se verifica para a variante *num*.

A nossa última hipótese, é se o advérbio *não* é um elemento fixo na sentença. Notamos que, assim como nos dicionários e manuais de gramáticas normativas, o não apresenta uma posição fixa, estando próximo ao verbo, adjetivos ou advérbios, como nos exemplos encontrados abaixo:

Inf. (NIL, 78, M, EF I): “Não tinha estrada de Santa Maria para Ibitiruí, era tudo picada”

Inf. (AUX, 52, F, EFI): “Não tinha cerveja. Era o vinho igual a palavra de Deus, nas bodas de Caná”

Em ambas as ocorrências o *não* acompanha o verbo, como elemento fixo, contrapondo a nossa hipótese inicial. No entanto, analisando as entrevistas observamos um outro tipo de construção (ordem da estrutura), próximo ao verbo, adjetivo ou advérbio: a duplicação da variante não na posição pré-verbal.

Inf. (NIL, 78, M, EF I): “Não não ninguém ligava para isso.”

Inf (Elz, 60, F, EFII): “Não não existia. A tradição era a lamparina, o farol com querosene. Acordavam três horas da manhã e fazia as coisas. Por volta de quatro horas da tarde estavam todos em casa e jantados.”

Inf. (AUX, 52, F, EFI): “Não não na escola usava muito pouco o dialeto.”

Em todas as falas o uso do *não* duplicado reforça o campo semântico, ação de negar, o que implica em uma estratégia argumentativa que funciona da mesma forma que a construção [Não V Não], alterando somente a ordem. Logo, consideramos que esse mecanismo poderá ser canônico no futuro, se este for frequente na comunidade de fala.

Mediante a discussão, evidenciamos que na comunidade de Santa Maria do Engano está ocorrendo o processo de gramaticalização por meio da variante “*né*”, e que o *não* é um elemento fixo que poderá adquirir com o tempo outros tipos de

construção, como a estrutura Não Não V. Isso se deve pelo fator discursivo, semântico, pragmático que acabam implicando na fala, local onde essas variantes são inseridas primeiramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advérbio *não* constitui um elemento categorial dotado de particularidades próprias. Embora apresente certa fixidez formal, não pode ser classificado como advérbio aspectual, uma vez que seu uso envolve esforço cognitivo e é condicionado por fatores discursivos, pragmáticos e semânticos. Dessa forma, consideramo-lo pertencente a uma categoria ou tipo específico, a saber, os advérbios de negação.

Na comunidade de Santa Maria do Engano, localizada no município de Alfredo Chaves (ES), observou-se a recorrência da negação na posição pré-verbal — a mais frequente — e da dupla negação, frequentemente acompanhada de outros elementos morfológicos, sobretudo o verbo, mas também adjetivos e advérbios. Os excertos das entrevistas refutaram a hipótese de desgaste fonológico e de gramaticalização no que diz respeito à variante *num*, possivelmente em razão da influência do ditongo nasal -ão, traço fonético-fonológico característico de descendentes de imigrantes italianos na região. Em contrapartida, no que se refere à variante *né*, a hipótese foi confirmada, evidenciando-se seu papel de reforço do tópico discursivo e sua função de quebra da expectativa do interlocutor, equivalente àquela observada na dupla negação.

Outro aspecto relevante identificado na fala dos moradores de Santa Maria do Engano foi a ocorrência de uma nova combinação estratégica de negação, estruturada como *Não Não V*, cuja função é intensificar a ação expressa pelo verbo. Torna-se, portanto, necessário acompanhar mais detidamente esse tipo de construção, a fim de verificar se sua ocorrência se consolida como um padrão produtivo na comunidade, o que demanda investigações futuras.

Por fim, os dados analisados apresentam convergências significativas com resultados de pesquisas anteriores, o que reforça a relevância deste estudo para a descrição e a compreensão das estratégias de negação no português brasileiro em situação de contato linguístico.

REFERÊNCIAS

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, vol. 56, n. 2, p. 251–299, 1980.

BAGNO. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004

BRAGA, L.; SILVA, J.F.T. **Análise funcionalista das estratégias de negação do português oral culto de Fortaleza: um estudo de caso**. Entre palavras, Fortaleza – ano 1, v. 1, n.1, 2011

CUNHA, C. CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIORIN, M. F. **Aspectos sócio-históricos da substituição do vêneto pelo português nas zonas urbana e rural de Alfredo Chaves- Espírito Santo: o papel da escola** 102 fl. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

FURTADO DA CUNHA, M.A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M.M. (orgs.) **Gramaticalização no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. **O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação**. Delta. Vol.17. nº 1, São Paulo, 2001

FURTADO DA CUNHA, M.A.; COSTA, M. A; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A; OLIVEIRA, M. R.; MATERLOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**, 1 ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-47.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: J. Benjamins. 1995.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to grammaticalization. Vol.1: focus on theoretical and methodological issues**. Amsterdam: J. Benjamins. p. 17-35. 1991.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, M. E.; WILSON, V. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, M.E. KENEDY, E. A visão funionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M.A. OLIVEIRA, M.R. MARTELOTTA, M.E. (Orgs.) **Linguística Funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MOLLIKA, M.C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2013.

NUNES, E. S. O. **A negação do Português falado do Rio de Janeiro: um estudo baseado em corpus**. 2014. Revista do SELL. v. 4, n° 1, p.1-19

PICOLI-MENEGHEL, S.A. **O ditongo nasal tônico –ão falado por ítalo- descendentes de santa maria do engano/es: uma análise sociolinguística**. 132 fl. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

REIMANN, C.A.; YACONVENO, L.C. **A negação no português falado em Vitória/ES: atuação de fatores discursivos e pragmáticos**. Anais do II CONEL- Congresso Nacional de Estudos Linguísticos. 2014. 35-37 p.

ROCHA, Maura A. Freitas; LOPES, Ruth E. Vasconcellos. Adjunção. In: KATO, M.A.; NASCIMENTO, M. (orgs.) **Gramática do português culto falado no Brasil: A construção da sentença** (Vol. III). São Paulo: Contexto, 2009, p. 189-225(pdf) e 151-178 (livro).

ROCHA LIMA, C.H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RONCARATI, C. **A negação no português falado**. In: MACEDO, A.T., RONCARATI, C. e MOLLIKA, M.C. (Orgs.) **Variação e discurso**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

SCHWENTER, Scott A. **The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese**, 2005. Disponível em: <<http://people.cohums.ohio-state.edu/schwenter1/lingua.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

SOUSA, V. V. **Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

TARALO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

TAVARES, M.A. **Sociofuncionalismo: Um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística**. Itabaiana/ SE, Edição especial ABRALIN/ SE, Ano VIII, v. 17, jan./jun.2013